



SUBALTERNIDADE E ABANDONO EM: “EL PECADO MORTAL” E “LA CALLE SARANDÍ”, DE SILVINA OCAMPO.

Eixo Temático NÃO-BINARIEDADE, LINGUAGEM E LITERATURA: CURTOS-CIRCUITOS E INTERSECÇÕES

Kildry Vitor Barbosa da Conceição¹

Iaranda Jurema Ferreira Barbosa²

RESUMO: O presente estudo teve como objetivo analisar como a subalternidade, a marginalização e as questões de gênero são apresentadas nos contos “El pecado mortal” e “La calle Sarandí”, de Silvina Ocampo. Esses escritos possibilitaram pensarmos e discutirmos as diversas facetas que essas narrativas desenvolvem. Nos deparamos com indagações propostas dentro desses textos, nas quais buscamos investigar como as violências apresentadas atravessam os corpos infantis das personagens. Outros fatores relevantes para refletir foram o abandono e a marginalização de alguns indivíduos dentro dos contos. Trazemos ao debate teóricos que pudessem endossar nossas análises como Spivak (2010), Del Roio (2007) e Maroto (2016), que teorizam acerca da subalternidade. Sobre gênero, apoiamos-nos em Bourdieu (2012) para entender as dinâmicas dos corpos em ação. Acerca de teóricos que trabalham as obras de Ocampo elencamos Podlubne (2013) e Barbosa (2015). A metodologia adotada foi de caráter bibliográfico com ênfase numa abordagem crítico-analítica. Essa pesquisa interessou-se, ademais, em ressaltar a contística de Silvina Ocampo visto que, apesar da grande potência de seus trabalhos, ainda é pouco estudada no Brasil. Como resultados de nosso estudo, dedicamo-nos a compreender como os corpos são atravessados pela subalternidade e transmutam-se a partir das violências que lhes tocam, em destaque a questão de gênero e as dinâmicas das relações de dominação entre sujeitos.

¹ Graduando em Letras Espanhol pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campina Grande - PB, Brasil. E-mail: kildry.conceicao@aluno.uepb.edu.br. Este artigo foi produzido a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

² Professora orientadora: doutora em Teoria da Literatura (UFPE), professora adjunta da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), iarandabarbosa@servidor.uepb.edu.br.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



Palavras-chave: Gênero; Corpo; Abandono; Subalternidade; Silvina Ocampo.

1 INTRODUÇÃO

À primeira vista, alguns textos de Silvina Ocampo oferecem aos leitores poucos indícios relacionados ao teor social e ao viés agressivo imbricados nas diegeses. Contudo, à medida que a narrativa avança, percebe-se a potencialidade de uma escritora pautada em diversas violências, entre elas, o abuso sexual cometido com e/ou por crianças. Para determinadas pessoas, as temáticas apresentam-se indigestas, pois temas relacionados a personagens subalternizados e marginalizados também se fazem presentes em diversos trabalhos da autora em tela.

Portanto, o objetivo principal desta investigação é analisar e compreender como a subalternidade, o abandono e a violência se apresentam nos contos “El pecado mortal” (1999) e “La calle Sarandí” (1999), de Ocampo. Nesse sentido, analisaremos também como as questões de gênero, infância e violência atravessam os corpos das personagens. Os enredos são bastante complexos, pois ambos abordam violências que sustentam fatos inesperados os quais envolvem protagonistas meninas que têm corpos violados sexualmente por homens que exercem, de certo modo, uma manipulação tanto em seu entorno como sobre seus corpos, instaurando toda a construção do horror causada pelas agressões.

A relevância desta pesquisa se dá a partir das relações de subalternidade e marginalização dos corpos dos indivíduos que constroem essas narrativas e que perpassam o campo do social, trazendo também para o debate questões como o abandono parental, a violência de gênero e o abuso infantil.

Como aporte teórico para endossar nossa pesquisa, destacamos Spivak (2010), Del Roio (2007), Moroto (2016), que teorizam acerca da subalternidade e as implicações que esse conceito transpassa o corpo desses sujeitos. Acerca da infância nos contos de Ocampo, elencamos Podlubne (2013), sobre dominação dos corpos nos apoiamos em Bourdieu (2012) e, com estudos sobre Silvina Ocampo, elencamos Barbosa (2015).

A fim de facilitar as análises, o artigo foi dividido em três sessões. Na primeira, apresentamos o resumo dos contos e alguns conceitos referentes à subalternidade e à marginalização. Na segunda, houve a problematização acerca do conceito de subalternidade e



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



o corpo violentado presente em anedotas, contos e histórias. analisamos o abandono e a vulnerabilidade dentro dessas narrativas.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO/RESUMO DOS CONTOS

Em “El pecado mortal” (1999), a voz narrativa é autodiegética, infantil e anônima. O leitor apenas tem acesso às memórias descritas pela protagonista. Aparentemente, ela provém de uma família que possui uma condição financeira estável, devido à construção do cenário no qual se sucede o conto. A narradora nos traz detalhes da casa onde se passam todos os fatos, levando-nos a imaginar que a família é abastada financeiramente:

En la enorme casa donde vivías (de cuyas ventanas se divisaba más de una iglesia, más de un almacén, el río con barcos, a veces procesiones de tranvías o de victorias de plaza y el reloj de los ingleses), el último piso estaba destinado a la pureza y a la esclavitud (Ocampo, 1999, p. 269).

A quantidade de recursos financeiros é inversamente proporcional à atenção familiar recebida pela protagonista, deixando-a, assim, suscetível à dominação de Chango, um dos empregados, “el hombre de confianza de la casa” (Ocampo, p. 270). A confiança oferecida pela família é o que dá, de certo modo, a abertura para que ele abuse da criança. O desenlace é dentro da igreja católica, onde a narradora está realizando a primeira comunhão. Ela, com diversos conflitos internos e inquietações, vestida de anjo, associado à ideia de pureza, tem a angústia de não ser mais “pura” devido ao abuso que sofreu.

Outro conto que compõe nosso *corpus* analítico é “La calle Sarandí”. Analogamente ao primeiro, as memórias da infância da protagonista constroem a narrativa. As lembranças da violência que a personagem sofreu são bastante incisivas e dolorosas. Com o andamento do enredo, percebemos como os trabalhos domésticos e os cuidados com suas irmãs doentes são direcionados à protagonista, exercendo atividades que não pertencem a uma criança.

Além de ter um evidente abandono parental, a narradora traz por longos trechos a solidão de alguém que em determinado momento sofreu abuso sexual por parte de um homem que: “se asomaba, siempre en mangas de camisa y decía palabras pegajosas persiguiendo mis piernas desnudas con una ramita de sauce” (Ocampo, 1999, p. 29). Essa figura masculina é o gerador de um dos conflitos-chave dentro da narrativa, pois a consequência do abuso foi uma gravidez, na qual a narradora pensa que a criança que ela gerou é seu sobrinho, tamanha inocência e ingenuidade, diante as circunstâncias.

Em relação às narrativas protagonizadas por crianças:



[...] no mundo criado por Silvina Ocampo elas são ao mesmo tempo reis e súditas da solidão. Por não terem a mesma medida que o mundo – ora são maiores, ora menores que ele – elas não conseguem abarcar ou serem abarcadas pelo universo que as rodeiam. A única saída para elas é a morte, o desaparecimento, o nada. As personagens são seres forâneos dentro do mundo. Quando incompreendidas, elas são tachadas de idiotas, castigadas ou ignoradas pelas pessoas que deveriam estar ao seu lado (Barbosa, 2015, p. 105).

Logo, o abandono literal ou subliminar desses corpos leva as crianças à vulnerabilidade e à morte da infância. Ambos os contos trazem em sua construção narrativa eixos que dialogam entre si, como as experiências de abusos sexuais sofridos pelas protagonistas, como ambas compreendem e reagem a essas experiências de formas distintas e vincula-se também à questão financeira que permite determinados acessos que uma tem e a outra não. Em “El pecado mortal”, há um entendimento do abuso por parte da protagonista, destoando de “La calle Sarandí”, pois a protagonista carrega uma inocência na qual ela não entende o que lhe ocorreu.

3.1 A SUBALTERNIDADE E O CORPO

A percepção de dominação nas dinâmicas de corpo sobre corpo, indivíduo sobre indivíduo, traz a noção de poder. Ela se alinha com o interesse de um sujeito desejante e um sujeito desejado, mas sempre pensando nesse “jogo” de superioridade que, consequentemente, inferioriza o outro. Isso estabelece a figura de um ser ativo e outro passivo, a serviço da dominação alheia:

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido (percipi), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis (Bourdieu, 2012, p. 82).

A dominação masculina estrutura as bases sociais vigentes, de forma a tratar os corpos femininos como objetos meramente simbólicos, que estão disponíveis ao serviço da masculinidade. Em ambos os contos há a presença de homens exercendo uma dominação sobre os corpos femininos das protagonistas. Em “La calle Sarandí”, por exemplo, a figura do abusador demonstra seu controle por uso de força física, quando pratica o abuso. Segundo



Bourdieu (2012), essa dominação masculina é fruto de estruturas sociais que deliberam aos homens poder e controle sobre corpos vistos como inferiores, nesse caso, o corpo feminino. Essa ideia expõe práticas desse poder simbólico que vai além do campo subjetivo, e executa esse poder também no corpo físico a exemplo das violências sexuais, comumente praticadas pelos homens sobre as mulheres.

O modo como a mulher é vista socialmente, como uma figura inferior à figura masculina, que por sua vez, é atrelado a poder e influência, perpetua a violência de gênero voltada a esses corpos como forma de subalternizá-los. No que diz respeito ao social, sexual, religioso e ideológico, o corpo masculino está na patente da representação do poder. A subalternidade imposta a esse indivíduo ou grupo passa pelo campo social e atravessa a subjetividade.

Spivak (2010) explora a noção do conceito do subalterno e as preconceções dadas à ideia da subalternidade a partir do corpo feminino. De acordo com as leituras da teórica, entende-se como subalterno o indivíduo que é impedido de falar, a partir de um controle social construído com o intuito de silenciar grupos que não atendem às ideias de poder masculino. Avaliando os recortes presentes em nosso objeto de estudo, o gênero é sempre um fator determinante para vulnerabilidades e violências sofridas pelas personagens.

Em relação ao corpo infantil e feminino, o domínio se exerce de uma forma mais complexa, já que as crianças são exploradas de forma a não reagirem às violências praticadas sobre seus corpos, impedidas de se defenderem, resultado tanto do local, quanto das relações pessoais nas quais estão inseridas.

Pensando as problemáticas apresentadas nas obras, a subalternidade e as questões de gênero são fatores associados contribuintes na consumação dos abusos sexuais e, por conseguinte, como ambas as protagonistas reagiram e lidaram com a situação provocada contra seus corpos, pois se subentende que são corpos inferiorizados sob a ótica de seus abusadores. Em “El pecado mortal”, a protagonista deixa subentendida uma certa consciência do abuso cometido por seu algoz: “Dios me lo perdone, pues fui en cierto modo tu cómplice y tu esclava” (1999, p. 269). Essa fala traz uma lucidez do que ocorreu e uma certa culpa pelo fato de ter sido abusada e não conseguir reagir à violência.

Em outro fragmento: “Durante noches de insomnio compusiste mentirosos informes, que servirían para confesar tu culpa” (p. 1999, 272), a narradora reforça a ideia do sentimento de culpa em suas cartas pela manipulação de Chango sobre seu corpo, novamente com um discurso de culpa pela violência sofrida. A sociedade nutre o discurso de sempre culpabilizar a vítima pelas agressões e violências e isenta o agressor de sua culpa e responsabilidade sobre tal ato.



Bourdieu (2012) ressalta que o corpo feminino sempre esteve no lugar da inferioridade, solidificado por uma estrutura de poder aprisionadora e corrosiva das representações da dominação masculina do homem sobre a mulher.

A dinâmica atrelada ao sujeito subalterno posto no lugar do silenciamento tem sua voz calada por um indivíduo dominador. Entendemos a subalternidade como um sistema que faz a manutenção da opressão sobre esses corpos e vozes oprimidas. Nos contos, o leitor acessa a visão das crianças, que são corpos subalternos, principalmente, por serem do gênero feminino, destacando “la doble subalternidad por una razón de género” (Moroto, 2016, p. 64). Esses recortes destacam a noção da violência direcionada às mulheres, independentemente da posição social a qual pertencem.

Ocampo apresenta outra provocação interessante. Em “El pecado mortal”, ‘chango’, em algumas regiões da Argentina (país de origem da autora), usualmente, é uma palavra utilizada para se referir a pessoas jovens ou meninos, semelhante a “chico” ou “muchacho”, também é utilizado pejorativamente, para referir-se a pessoas de etnia indígena, encontra-se também o significado de macaco, como forma de xingamento com conotação racista.

Essa ideia de utilizar uma expressão do cotidiano reflete diretamente na construção do personagem, dado que Chango é um rapaz um pouco mais velho que a protagonista, mas ainda não é um adulto. Ele também é um corpo subalternizado, devido à posição social que ocupa, pois é um empregado, uma pessoa pobre e tem o corpo marginalizado diante aquelas pessoas, por isso o nomeiam de Chango, de modo ofensivo para rebaixá-lo³.

Essas definições para o nome de Chango, reforça a ideia de uma vingança do personagem à protagonista, por fazer parte desse grupo de pessoas que o veem como um sujeito descartável e sem significância, apenas utilizado para servi-los, tornando, assim, seu crime mais complexo e denso dada essa provocação feita pela autora.

Porém, mesmo sendo subalterno devido a essas questões, ele exerce uma forte influência sobre a protagonista ao estabelecer uma dominação. Tal dominação também é perceptível em “La calle Sandí” quando nos é apresentada a figura de um homem misterioso: “El hombre estaba detrás de mí, la sombra que proyectaba se agrandaba sobre el piso, subía hasta el techo y terminaba en una cabeza chiquita envuelta en telarañas. No quise ver más nada y me encerré en el cuartito oscuro de mis dos manos” (Ocampo, 1999, p. 29). Este

³ De acordo com a RAE (Real Academia Española), Chango deriva outros significados como, pessoa de modos afetados ou pueris, retornando a referir ao ser criança; há também um significado de carrinho de compras, ou seja, que leva carga e peso. A subalternidade se apresenta de modo intrínseco dentro da narrativa. Por fim, se encontra uma única referência a pessoa elegante, que tem bom gosto para vestir-se, no dicionário da RAE.



trecho descreve a sensação da narradora após o abuso, representando a angústia da criança “despida” e exposta a inúmeras vulnerabilidades.

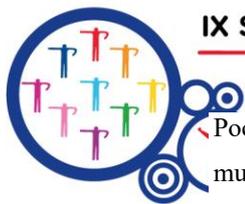
O corpo é atravessado pela subjetividade, que é produto da experiência na construção da nossa identidade: “A nova subjetividade, crítica e negativa da condição subalterna, parte necessariamente das condições reais existentes, das contradições do real, dos fragmentos que compõem a ideologia subalterna” (Del Roio, 2007, p. 70). Reforçando o que Del Roio traz, a ideia da subalternidade é impor uma inferioridade a um indivíduo ou grupo na dinâmica social. O corpo feminino é lido baseado no gênero, ocupa no discurso o lugar da subserviência ao gênero oposto, como se a mulher devesse estar a serviço do homem, nas esferas sociopolíticas e culturais.

3.2 ABANDONO E VULNERABILIDADE

O conceito de infância é relativamente recente, dado que “a criança logo era inserida ao universo adulto, limitando-se pouco tempo para viver seu ser “criança”, pois era substituída pelo seu ser “adulto” antes mesmo que isso fosse efetivado” (Jácome, 2018, p. 18). Devido ao fato de crianças terem sido consideradas adultos pequenos, essa percepção foi a causadora das múltiplas violências, descuidos e precarização desses corpos, ao longo da história. Surge, então, o conceito de infância, em meados do século XVII, de acordo com os estudos de Philippe Ariès (1981). Com o desenvolvimento de ideias que repensassem a infância, fundiram-se novas percepções do que é uma criança, o que garantiu direitos legais que assegurem esses corpos das inúmeras violências que outrora eram submetidas socialmente.

O sujeito constrói sua identidade a partir das experiências vividas (social e/ou pessoal). É importante pensar os segmentos de nossas vivências na montagem da nossa cosmovisão social: “Quanto mais recuarmos nessa história, mais probabilidade teremos, [...] de nos confrontamos com a morte, o abandono, a violência, o terror e o abuso sexual sobre as crianças” (De Mause, 1992 *apud*; Pinto *et al.*, 1999). Quando criança, o sujeito não compreende uma série de normas construídas para expurgar corpos marginalizados de determinados espaços de poder.

Em “El pecado mortal” acessamos uma narradora rememorando as situações que viveu durante a infância, na qual lhe foi incumbida uma série de acontecimentos que refletem o horror da violência sexual, abandono e o sentimento de culpa pelo abuso. A todo momento percebemos como a narradora se sente na presença de Chango:



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade



Pocas veces las mujeres de la casa te dejaban sola, pero cuando había fiestas o muertes (se parecían mucho) te encomendaban a Chango. Fiestas y muertes consolidaron esta costumbre, que al parecer agradaba a tus padres. "Chango es serio. Chango es bueno. Mejor que una niñera" decían en coro (Ocampo, 1999, p. 270).

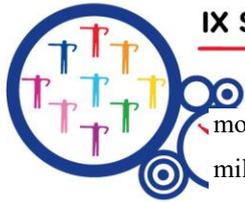
Aparentemente, as pessoas ao redor da narradora não percebem o que está acontecendo. Ocampo constrói uma atmosfera cheia de carga emocional, possibilitando ao leitor entender a relação da narradora e suas interações com os demais personagens: “Jugabas con resignada inquietud. Presentías que algo insólito había sucedido o iba a suceder en la casa. Como un perro, husmeabas el horrible olor de las flores” (1999, p. 171). Nesse trecho, a narradora relata a sensação de que algo ruim aconteceu ou iria suceder a ela. A construção atmosférica do texto é bastante densa.

No decorrer do conto, submerge a ideia de ingenuidade da protagonista diante os fatos que sucedem em sua vida:

Los símbolos de la pureza y del misticismo son a veces más afrodisíacos que las fotografías o que los cuentos pornográficos, por eso ¡oh sacrílega! Los días próximos a tu primera comunión, con la promesa del vestido blanco, lleno de entredoses, de los guantes de hilo y del rosario de perlitas, fueron tal vez los verdaderamente impuros de tu vida (Ocampo, 1999, p. 269).

Esses pensamentos são de dias antes da primeira comunhão da criança, momento aparentemente importante para a narradora. Mais à frente, a narradora expõe uma certa culpa ou remorso, pois ela entende que não é mais pura devido ao abuso que sofreu por Chango: “Tu primera comunión llegó. No hallaste fórmula pudorosa ni clara ni concisa de confesarte. Tuviste que comulgar en estado de pecado mortal” (1999, p. 172). A narradora refere-se a si mesma na segunda pessoa, como forma de causar um afastamento e impessoalidade na narrativa, pois: “No tocante ao narrador, [...] há uma espécie de distanciamento com o propósito de compor linhas tênues e abstratas onde a emoção parece ausente” (Barbosa, 2015, p. 42). Esse artifício pode ser entendido como uma forma de “aliviar” a dor da violência. Posteriormente ela se afasta do seu “eu” causando impessoalidade, já no último parágrafo do conto:

Yo sé que durante mucho tiempo oíste en la oscuridad de tu cuarto, con esa insistencia que el silencio desata en los labios crueles de las furias que se dedican a martirizar a los niños, voces inhumanas, unidas a la tuya, que decían: es un pecado



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade



mortal, Dios mío, es un pecado mortal. ¿Cómo hiciste para sobrevivir? Sólo un milagro lo explica: el milagro de la misericordia (Ocampo, 1999, p. 272).

Ela retorna para o “eu” na tentativa de explicar ou até mesmo enfrentar o conflito de sua infância, supondo que no momento quando ela diz que sobreviveu por um milagre, entendemos que já não é do corpo infantil que ela se comunica, mas sim de outro momento da vida posterior aos fatos. É importante frisar que apesar de pertencer a uma classe social abastada, não lhe é garantida proteção contra os abusos, a violência de gênero está presente em diversos âmbitos da sociedade e atravessa até mesmo a classe social desses indivíduos. Ela também sofre uma espécie de abandono parental.

No conto “La calle Sarandí”, seguimos a narradora fragilizada pela circunstância das opressões ofertadas durante sua vida. Podemos dizer que esse relato de Ocampo é trabalhado, cautelosamente, ao abordar o abuso sexual e o abandono parental como temáticas centrais do conto, construindo um universo particular para que suas personagens reflitam o mundo real:

Una tarde más obscura y más entrada en invierno que las otras, el hombre ya no estaba en el camino. De una de las ventanas surgió una voz enmascarada por la distancia, persiguiéndome, no me di vuelta pero sentí que alguien me corría y que me agarraban del cuello dirigiendo mis pasos inmóviles adentro de una casa envuelta en humo y en telarañas grises (Ocampo, 1999, p. 29).

Esse recurso de descrever os detalhes norteiam o leitor para compreender o espaço no qual os personagens estão inseridos. A espacialidade em ambos os contos conversa de forma a fazer com que o leitor reflita acerca da dinâmica social das protagonistas, ao estabelecer esse conflito de classe social que, por sua vez, torna-se um fator que alimenta as práticas de abuso e outras violências, pois as protagonistas provêm de classes sociais distintas e, mesmo assim, ambas estão suscetíveis aos ataques de seus abusadores.

Logo, percebemos como a protagonista é vulnerável aos ataques de seu agressor, principalmente, pela condição física dela por ser uma criança e ele um adulto, há uma disparidade nas dinâmicas de poder. Além do recorte de gênero, a questão social é um fator importante para compreender a trama:

Mis hermanas se fueron yendo o desapareciendo junto con mi madre. [...] el destino se apoderó de mi casa sin que yo me diera cuenta, llevándose todo, menos el hijo de mi hermana mayor. No quedaba nada de ellas, salvo algunas medias y camisones remendados y una fotografía de mi padre, rodeado de una familia enana y desconocida (Ocampo, 1999, p. 30).



A priori, não lhe é oferecido amparo familiar. Mãe e irmãs se vão, igualmente como o pai. Apenas resta à protagonista o filho, fruto do abuso, ao qual ela não reconhece como seu, mas sim enquanto sobrinho. O abandono parental dentro da narrativa é construído de forma a gerar no leitor um incômodo pela situação impelida à protagonista, na qual ela se encontra sozinha, sem auxílio de terceiros e ainda com um bebê, sendo ela também uma criança.

A construção da imagem do abusador em “La calle Sarandí” é bem sutil: “Ese hombre formaba parte de las casas, estaba siempre allí como un escalón o como una reja” (1999, p.29), pois o leitor conhece muito pouco desse personagem, a autora enfatiza com mais afinco a construção dos sentimentos da protagonista, sua reação corporal e sentimental durante e após o abuso:

Las horas habían pasado en puntas de pie. Una respiración blanda de sueño invadía el silencio; en torno de la lámpara de kerosene caían lentas gotas de mariposas muertas cuando por las ventanas de mis dedos vi la quietud del cuarto y los anchos zapatos desabrochados sobre el borde de la cama. Me quedaba el horror de la calle para atravesar. Salí corriendo desanudando mis manos; volteé una silla trenzada del color del alba. Nadie me oyó. (Ocampo, 1999, p. 30)

Ao pôr as mãos sobre o rosto, simbolicamente, ela descreve como se estivesse trancada no quarto escuro de suas mãos. Após o ato, ela foge da casa e nunca mais retorna a ver o homem. Com o decorrer do conto, o bebê começa a crescer e posteriormente a parecer-se com o abusador, fazendo a narradora rememorar o trauma:

No quiero ver más nada. **Este hijo que fue casi mío**, tiene la voz desconocida que brota de una radio. Estoy encerrada en el cuartito oscuro de mis manos y por la ventana de mis dedos veo los zapatos de un hombre en el borde de la cama. Ese hijo fue casi mío, esa voz recitando un discurso político debe de ser, en la radio vecina, el hombre con la rama de sauce de espantar mosquitos. Y esa cuna vacía, tejida de fierro... (Ocampo, 1999, p. 30, grifo nosso).

Quando diz que esse filho foi quase seu, é uma maneira de negar a maternidade, um modo de tentar diminuir ou isentar a dor da memória do abuso, de certo modo, tentar não culpabilizar a criança que não tem responsabilidade por ações de terceiros: Cierro las ventanas, aprieto mis ojos y veo azul, verde, rojo, amarillo, violeta, blanco, blanco. La espuma blanca, el azul. Así será la muerte cuando me arranque del cuartito de mis manos. (Ocampo, 1999, p. 30). Podemos analisar, a partir do ponto de vista da possível libertação do



seu alçó, como se ela estivesse por toda sua vida trancada no quarto escuro e somente a morte poderia tirá-la da escuridão: “Como la muerte, la infancia es en Silvina Ocampo la experiencia del límite, el encuentro imprevisto con aquello que sin pertenecer al sujeto no obstante lo define en su condición íntima” (Podlubne, 2013, p. 97-106). No imaginário da narradora, quando ela rememora a violência, há um encarceramento de sua existência a aquele momento de sua vida. Quando é dito sobre o azul e o branco, ao sair do quarto escuro, ela veria a representação simbólica do céu. A perspectiva da narradora busca se libertar desse aprisionamento mental em que se encontra, fugindo da realidade dura em que o passado é lembrado carregado de dor e angústia.

Ocampo constrói seus trabalhos com uma carga densa de sensações e inquietantes ao sugerir em seus textos temáticas que são complexas dado os moldes sociais, tendo em vista, a peculiaridade e potencialidade que seus trabalhos carregam ao tecer dinâmicas, entre os sujeitos criados em seu universo próprio.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura é o campo criativo que instiga novas indagações, sem a pretensão de gerar resoluções para os questionamentos que produz, sejam eles de natureza social, política, ideológica, real, fantástica ou humana. A literatura tem como compromisso questionar tudo que se entende no mundo dito “real”. Algumas narrativas ocampianas trazem à luz a subjetividade de corpos pautados em violências e opressões.

Silvina Ocampo, ao caracterizar suas protagonistas em “El pecado mortal” e “La calle Sarandí”, traz à tona vozes e corpos silenciados por um sistema brutal de apagamento desses indivíduos. As agressões acontecem tanto no ambiente privado (“El pecado mortal”), por alguém que deveria ser cuidador, quanto no público (“La calle Sarandí”), por um desconhecido. Ou seja, os corpos infantis e femininos estão desprotegidos em qualquer espaço. A dominação desses sujeitos e seus corpos é uma questão, inteiramente, enraizada na nossa sociedade, expõe à face do patriarcado e sua sordidez ao subalternizar e marginalizar determinados corpos vistos como objetos a seu interesse.

Consideramos importantes as discussões propostas nesse trabalho acerca da subalternização, do abandono e das violências direcionados a corpos infantis e femininos, pois a violência de gênero é uma construção solidificada que necessita ser repensada e reconfigurada, a partir de nossas práticas enquanto sociedade, para garantir mais segurança e liberdade para esses indivíduos, no intuito de não perpetuarmos essas e outras opressões.



REFERÊNCIAS

- Ariès, Philippe. *História social da criança e da família*. Livros técnicos e científicos editora, 1981.
- Barbosa, I. J. F. (2015). *Infância e morte sob a ótica do fantástico híbrido em Silvina Ocampo*.
- Bourdieu, Pierre, 1930-2002 *A dominação masculina/Pierre Kühner*. - 11º ed. - Rio de Janeiro 160p. Tradução de Maria Helena Bertrand Brasil, 2012.
- Del Roio, Marcos. *Grasmsci e a emancipação do subalterno*. Revista de Sociologia e Política, p. 63-78, 2007.
- Modonesi, Massimo. *Subalternidad. Conceptos y fenómenos fundamentales de nuestro tiempo*, p. 1-12, 2012.
- Ocampo, Silvina. *Cuentos completos I*. Moro, 1999.
- Pinto, Manuel; Sarmiento, Manuel Jacinto. *As crianças: contextos e identidades*. Universidade do Minho. Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC), 1999.
- Podlubne, Judith Gabriela. *La visión de la infancia en los cuentos de Silvina Ocampo*. Università di Bologna. Dipartimento di Lingue, Letterature e Culture Moderne; Confluenze; 5; 2; 12-2013; 97-106
- RAE. Disponível em: [_chango, changa | Definición | Diccionario de la lengua española | RAE - ASALE](#). Acesso em: 13 mar. 2025
- Spivak, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar*. UFMG, 2010.